

# MAIS UMA VEZ A PEQUENA BURGUESIA<sup>1</sup>

ERNESTO MARTINS<sup>2</sup>

O companheiro Ferdinando Machado resumiu no seu "**Do Economismo Prático ao Foquismo Teórico**" as suas divergências com a orientação política da Organização. O aprofundamento da discussão interna nas bases da ORM fez com que Machado iniciasse o documento com uma introdução autocrítica – da qual voltaremos a falar – e que toda a argumentação sofresse um deslocamento de ênfase em relação às versões anteriores de críticas vindas pelas mesmas fontes. O intuito do autor, todavia, não mudou. Tanto autocrítica como a mudança dos argumentos não visam mais do que defender posições fundamentais já sustentadas no passado e que continuam sendo defendidas.

São duas as divergências principais – diz Machado – a concepção do foco e o "trabalho operário", que ele põe entre aspas. Tentaremos seguir aqui a argumentação dele, tratando primeiro da questão do foco.

Qual é o ponto da discórdia para F.M.? Cita ele primeiro um trecho do "Projeto de Programa Socialista":

*"Mas a própria esquerda revolucionária está dispersa e o desânimo e a desconfiança que se abateram sobre a classe tornam por demais lento e difícil este trabalho de mobilização em termos revolucionários. Ele será acelerado se a ação do foco revolucionário de vanguarda (sic) se fizer mais sistemática e se já apontar na prática, o exemplo da insurreição, através do foco guerrilheiro... O despertar revolucionário da classe operária – que irá decidir o caminho da luta contra a ditadura – pode ser apressado, se a vanguarda (sic) revolucionária tiver sua voz potencializada por um foco guerrilheiro que, do fogo da luta, sustente o programa proletário".* (Grifo e "sics" de F.M.).

A isso Machado tem o seguinte a objetar:

*"Primeiramente, a partir da análise da realidade e não de nossos desejos (mesmo que louváveis), concluímos que esta vanguarda não existe, o que torna um contra-senso potencializar a voz do nada.*

*Em segundo lugar a dispersão da esquerda revolucionária não é devido a falta de um "terror excitante", já combatido por Lênin – ("Que fazer"), mas pela incapacidade dos teóricos comunistas de apresentarem uma linha revolucionária que a convença e crie condições para sua unificação. Em terceiro lugar, a classe operária não está "desanimada" e "desconfiada", mas acéfala.*

*Finalmente, se os companheiros, quando falam da "vanguarda", querem se referir aos grupos e organizações verdadeiramente revolucionários, de nada valerá "potencializar" a sua voz enquanto não aprenderem a raciocinar*

---

<sup>1</sup> Escrito por Eric Sachs em 1967, por ocasião das discussões em torno da elaboração de um "Programa Socialista para o Brasil". Circulou em edição mimeografada, datada de maio/1967, como documento de discussão interna da organização Política Operária. Esta versão foi digitalizada e revisada em set/2007, com base em exemplar original da edição mimeografada.

<sup>2</sup> "Ernesto Martins" foi um dos pseudônimos utilizado por Eric Sachs em seus escritos políticos, antes e durante a ditadura militar.

*politicamente. Os companheiros da direção pensam que só há uma coisa a dizer as massas: tomemos o poder”.*

E como prova desta última afirmação cita novamente o Projeto de Programa:

*“A primeira tarefa política do foco guerrilheiro há de ser, desta maneira, a de colocar definitivamente no cenário político do país uma nova liderança, uma alternativa revolucionária ao poder das classes dominantes”.*

Se citamos esse diálogo por extenso, não é para cansar desde o início o leitor, mas para dar-lhe uma idéia da argumentação apresentada e permitir um julgamento próprio. As posições da Organização sobre o problema da guerrilha são conhecidas. Ela parte da premissa de que a luta de guerrilha não somente se tornou uma forma básica e legítima da luta de classes na maioria dos países da América Latina, como se tornou tarefa política e material das organizações revolucionárias preparar-se e às classes exploradas para essa forma de luta. Um dos aspectos mais debatidos hoje, em quase todos os países do Continente, é a relação entre o Partido, ou Vanguarda, de um lado, e a guerrilha. Antes o Partido ou antes a guerrilha? – eis uma das questões que mais freqüentemente se coloca. Defendemos o ponto de vista de que o crescimento da guerrilha e do partido eram inseparáveis, que se trata de dois lados de um só processo de mobilização das massas na luta contra a ditadura e a sociedade capitalista. Salientamos já nas *“Teses Tiradentes”* que, embora seja possível no decorrer da luta, formar um partido de quadros, uma vanguarda em padrões conspirativos, sua capacidade de atingir as massas será limitada pelas condições de clandestinidade. O foco, como porta voz, será um complemento necessário para a mobilização das massas. Indispensável é que o foco esteja em condições de dar a mesma orientação política que tem de ser dada pela vanguarda da cidade.

Mas nesse aspecto da questão Machado nem sequer entra. Limita-se a acusações: Nós consideramos o foco a *“vara de condão”*, e compara o papel do foco ao *“terror excitante”*, o terror individual exercido por populista russos contra altos dignitários de Estado. Uma comparação um pouco forçada, mas ela está na mesma linha do resto da sua argumentação. Se a formação de uma vanguarda do proletariado dependesse unicamente de boas posições, poder-se-ia-se perguntar porque, em todo o Continente, não se formou ainda um partido revolucionário, que pudesse competir pela liderança das massas com os velhos partidos reformistas? Dizemos todo o Continente, com exceção evidente de Cuba, porque naquele país foi justamente o tal *“terror excitante”*, a luta de guerrilha, que ajudou a formar o partido revolucionário. Mas nós poderíamos perguntar ainda: porque todo o movimento comunista internacional continua a se debater com uma crise herdada do stalinismo? Porque todas essas discussões, lutas internas, cisões, que caracterizam hoje o renascimento do marxismo-leninismo em escala internacional? Porque ainda não houve ninguém que aprendesse a raciocinar inteligente e politicamente? Deveras, a nossa geração de revolucionários ainda não descobriu o ovo de Colombo – com poucas exceções, naturalmente.

Apesar de concordar, formalmente, que a guerrilha é uma forma básica da luta revolucionária no Continente, Machado nem sequer tenta apresentar no documento uma alternativa às posições por ele combatidas. As suas afirmações sobre a necessidade de estruturar primeiro as condições materiais para um movimento de guerrilha, tornam-se mais compreensíveis quando lembramos da resolução, entregue por ele no Pleno de Abril de 1966, e rejeitada na mesma ocasião, no sentido de que a guerrilha só deveria ser desencadeada no momento em que o movimento de massa em ascensão ameaçasse o regime.

Isso não significa outra coisa do que adiar o problema para as calendas gregas, pois semelhante atitude ignora que todos os movimentos de guerrilha que visavam a transformação da sociedade – desde a guerrilha chinesa – foram desencadeados em momentos de recesso do movimento de massa e foi justamente a ação guerrilheira que serviu como catalisador de um novo movimento ascendente.

O que Machado diz sobre as relações de operários e camponeses na luta de guerrilha, também poderia ter encontrado formulando melhor nas *"Teses Tiradentes"*, publicado um ano atrás. Se tiver de contribuir com algo nesse campo, esperamos que o faça mais conscienciosamente. No documento, a questão do foco só serve como introdução às divergências políticas, ou como ele mesmo diz:

*"Consideramos necessário unificar a esquerda revolucionária, potencializar a sua voz e mobilizar as massas. Mas não através do "terror excitante", e sim de uma ação política conseqüente junto às massas..."*

Veremos o que Machado entende por "ação política conseqüente".

### **O que é "economismo"?**

Antes de tudo temos de examinar a segunda acusação, a do economismo da linha política da Organização. O ponto de partida é uma citação do *"Aonde Vamos?"*, que define como premissa da atuação de um partido revolucionário a defesa intransigente dos *"interesses específicos do proletariado industrial e agrícola na sociedade burguesa-latifundiária"*. Essa defesa dos interesses específicos, ele apresenta com o sinônimo de economismo. Para chegar a semelhante conclusão, o autor teve de lançar mão de um recurso meio forçado. Tratando das causas econômicas do reformismo, na 2ª parte do *"Aonde Vamos?"*, citamos o livro de um sociólogo (*"Conflito industrial e Sindicalismo"*, de Leôncio Rodrigues), como testemunho burguês da situação reinante.

*"O aspecto particular nessas associações de sindicatos, que não chegaram a se consolidar como genuínas centrais sindicais, foi a preponderância que concederam aos problemas gerais da sociedade, o interesse pelos grandes temas da política nacional e do desenvolvimento econômico, enquanto relegavam para plano secundário as reivindicações profissionais específicas do proletariado"*.

Dizíamos que o autor *"não é marxista, e sim desenvolvimentista, como é fácil reconhecer pela terminologia usada"*. Que não estaremos errados se traduzirmos as *"reivindicações profissionais específicas"*, como reivindicações de classe proletariado. É o que Leôncio Rodrigues entendia por *"problemas gerais da sociedade"*, eram na realidade *"problemas muitos concretos da burguesia"*, para os quais os sindicatos foram mobilizados. Suprimindo o contexto do assunto tratado, Machado toma agora a liberdade de concluir que, para *"Aonde Vamos?"*, a defesa dos interesses específicos do proletariado é a luta pelas *"reivindicações profissionais específicas"*, concluindo então: *"Os companheiros da direção repetem os economistas, e o fazem de forma caricatural"*. E apresenta, num parágrafo adiante, a conclusão final aos leitores:

*"É interessante notar que os companheiros da direção tem uma notável capacidade de aprender uma porção de coisas sobre o marxismo, sem jamais compreendê-lo, como uma totalidade"*.

Fato é que a citação do *"Aonde Vamos?"*, assim apresentada, é o único argumento encontrado por Machado para fundamentar as suas críticas de "economismo". Apesar de toda verbosidade – não menor do que a apresentada na parte sobre o

foco – não se deu ao trabalho de tentar pelo menos uma argumentação mais convincente. Mas, vamos ver de perto a “totalidade” do marxismo de Machado.

Um complemento necessário para a compreensão das noções dele sobre luta política e econômica é a sua exposição sobre luta legal e ilegal respectivamente, a sua acusação de que a Organização *“nem sequer pensa em dar forma conseqüente à luta política legal”*.

Temos de confessar que inicialmente estranhemos. A afirmação é tão descabida que qualquer operário da Organização que entra num sindicato, qualquer estudante atuante no movimento estudantil, qualquer militante atuante em organismo de massa poderia desmenti-la na hora, por experiência própria. O que há, e tem de haver, é a discussão, em cada caso concreto, de como ligar as atividades legais com as ilegais e vice-versa. A necessidade das duas formas de ação combinada, nunca foi questionada na Organização. Mas parece que não é isso. Ouçamos Machado:

*“Mas uma vez a direção dá uma demonstração de desconhecimento do beabá da política operária. O que acontece é que existe na sociedade uma corrente democrática pequeno-burguesa e uma corrente operária revolucionária (sem falar nas demais correntes, como a pequena-burguesia terrorista e outras, que não interessam no momento). A corrente democrática pequeno-burguesa propõe de fato, a substituição das reivindicações, dos objetivos e métodos de luta proletária, pelas suas próprias reivindicações, objetivos e métodos. A corrente operária revolucionária propõe utilizar as reivindicações, objetivos e métodos operários. Para a pequena-burguesia democrata a democracia representa um fim, isto é, o seu próprio objetivo. Propõe exclusivamente métodos legais de luta e reivindica igualdade em termos abstratos. Para a corrente operária revolucionária a democracia representativa é um meio de transformar a correlação de forças políticas dentro dos quadros da ditadura, de forma favorável ao proletariado, combinando os métodos legais com os ilegais, de forma científica, e reivindicando a conquista das liberdades para os trabalhadores e as massas de um modo geral”.* (p.8)

Pois é. As acusações de Machado podem se tornar mais claras. Embora não saibamos porque a corrente pequeno-burguesa *“propõe exclusivamente métodos legais de luta”* – o que absolutamente não corresponde aos fatos - na mente de Machado a combinação de *“métodos legais de luta com os ilegais, de forma científica”*, significa *“combinar”* reivindicações legais pequeno-burguesas, com reivindicações revolucionárias ilegais. Em seguida (pág. 17), ele completa o quadro:

*“Para nós, a luta atual é uma luta eminentemente política. Uma luta predominante legal...”*

O que Machado propõe, na prática, é que nós nos concentremos – nós como Organização e o proletariado como classe – na luta eminentemente política e predominantemente legal, em torno de reivindicações da pequena burguesia. Pois ele não conhece outras reivindicações específicas da classe operária fora da luta econômica:

*“Ora, o papel dos socialistas é justamente o de levar o proletariado a superar a luta em termos meramente “específicos”, isto é, econômicos”.*

Dito de passagem, o método de argumentação de Machado lembra muito a tática do “segura o ladrão”. Pois, o que caracterizou os economicistas na história do movimento operário russo não foi o fato de eles terem negado o papel da atuação

política, mas o fato de renunciarem a formular reivindicações políticas específicas do proletariado, deixando o campo político para os representantes de outras classes, limitando-se a apoiar e utilizar as reivindicações burguesas. Embora os "economicistas", citados por Lênin, pretendessem se concentrar nas reivindicações econômicas e deixar a política para "os outros" e Machado, ao contrário, dê ênfase à política "os outros" e chegue a se identificar com ela, a posição de princípios dos dois diante dos interesses específicos do proletariado na sociedade burguesa é a mesma: trata-se de interesses econômicos.

Sob este ângulo compreendemos também a insistência de Machado em apresentar os sindicatos como o campo de ação mais importante para o trabalho operário – reforçado pela acusação demagógica de que o CN colocou como "*tarefa prática e imediata*" a criação dos Comitês de Empresa. Não compreende ele – e não pode se dar ao luxo de compreender, porque isso romperia o seu esquema "científico" – que a tarefa fundamental de uma vanguarda marxista-leninista é justamente a criação do proletariado independente, sua formação político-ideológica, sua organização e mobilização na luta. Para isso, os sindicatos, órgãos de luta econômica por excelência, por si só não bastam. E muito menos hoje, quando são enquadrados num sistema de "lutas econômicas" delimitado pela ditadura. A formação da classe independente, que é o nosso objetivo político mais constante, requer que as noções de luta proletária penetrem nas bases da classe operária, nos lugares de trabalho, nas empresas, onde se reúne de fato a classe, e o despertar da classe só pode se dar em oposição aos métodos pequeno-burgueses de luta.

Para os marxistas de todos os tempos, as reivindicações específicas do proletariado não eram somente econômicas, mas igualmente sociais e políticas e eles combateram consciente e incessantemente a tentativa da pequena-burguesia de substituir as reivindicações, objetivos e métodos da luta proletária pelos seus próprios, como já demonstraram Marx e Engels no início do movimento operário:

*"No momento presente, quando a pequena-burguesia democrática é oprimida por toda parte, exorta em geral o proletariado à união e a reconciliação, estende-lhe a mão e procura criar um grande partido de oposição, que abranja todas as tendências do partido democrata, isto é, procura arrastar o proletariado a uma organização partidária onde não de predominar as frases social-democráticas gerais, atrás das quais se ocultarão os interesses particulares da democracia pequeno-burguesa, organização na qual em nome da tão desejada paz, as reivindicações especiais do proletariado não possam ser apresentadas. Semelhante união seria feita em benefício exclusivo da pequena-burguesia democrata e em prejuízo indubitável do proletariado. Este teria perdido a posição independente que conquistou à custo de tantos esforços e cairia uma vez mais na situação de simples apêndice da democracia oficial. Tal união deve ser, portanto, resolutamente rejeitada." (Marx, Engels. Mensagem do CC à Liga dos Comunistas. Ed. Vitória, pág. 87. Grifos de E.M.)*

E com isso chegamos de fato à essência das divergências de Machado com a linha da Organização. Trata-se das relações entre proletariado e pequena-burguesia, de um lado; e da questão dos objetivos e do caráter da luta, de outro.

## **Um Lênin diferente**

Entrando no terreno dos objetivos da luta, Machado explica na pág. 6 do seu documento:

*"Só a análise concreta da realidade pode ditar aos revolucionários que forma e que estágio a luta do proletariado contra a burguesia de assumir e superar (?).*

*Foi assim que a Secretaria Regional de Minas Gerais, depois de constatar que o proletariado brasileiro já percorrerá todos os estágios da luta meramente econômica e que chegara a participar de luta formalmente política sobre a hegemonia da burguesia, ameaçando superar este estágio, assumindo assim um caráter verdadeiramente operário, ao mesmo tempo em que uma liderança operária, embora não muito bem estruturada ia ser gerada no processo, concluiu pela retomada da luta em termos fundamentalmente políticos. Por outro lado, analisando a correlação de forças em escala internacional e dentro do país, viu a fraqueza das forças revolucionárias no país, frente ao poder de repressão do Estado burguês, o que levou a concluir que a luta política atual não poderia ainda assumir a forma de luta aberta pela tomada do poder. Estamos, assim, no estágio em que o fundamental é lutar pela conquista das liberdades democráticas, de modo que esta luta assuma uma forma global, capaz de questionar o poder político". (grifos meus – E.M.)*

Pois aqui temos o objetivo, que deve determinar a nossa tática: a redemocratização. E atrás da "forma global" se escondem as reivindicações aceitáveis, para a pequena-burguesia e que devem selar a "união": a democracia. É digno de nota ainda o fato que desta vez o proletariado não está "acéfalo". Já passou todas as fases de luta econômica. E o problema é retomar a luta em termos fundamentalmente políticos – pela conquista das liberdades democráticas. Sobre a situação real da classe operária, sobre os motivos que de fato a podem movimentar, organizar e fazer lutar – nenhuma palavra.

A única alternativa que coloca é: ou a luta pela tomada do poder (que no momento não é possível) ou então a luta democrática. O problema fundamental – o de o nosso proletariado nunca ter colocado a questão do poder em termos de classe, porque ainda não surgiu como classe independente no cenário político nacional; o de o nosso papel como marxista-leninistas consistir justamente na luta pela formação da classe independente que possa questionar o poder político da burguesia – tudo isto consta no nosso Projeto de Programa e no "Aonde Vamos?" – Machado passa por cima. E tem de passar por cima, de má consciência, porque a sua "forma global" não pretende questionar o poder político da burguesia. O "poder político", que ele apresenta se refere unicamente à ditadura, sem entrar no conteúdo de classe desta ditadura. Mas uma luta que não põe em questão o poder político da burguesia, seja na forma de ditadura aberta ou velada, que não coloque o proletariado em oposição à sociedade burguesa, deixa-o novamente sob a tutela da burguesia, seja em sua matriz liberal-democrática, ou pequeno-burguesa.

Machado cita Lênin para "fundamentar" a sua posição. Depois de Lênin ter sido citado como testemunha de "coexistência pacífica" em termos stalinistas e krutchevistas, isso não tem mais nada de original. Mas vejamos como ele o consegue:

*"A necessidade de se indicar no programa que se deve apoiar todos os que lutam contra o absolutismo (traduza-se no Brasil por ditadura) vem de que social-democracia russa, indissoluvelmente ligadas aos elementos avançados da classe operária russa, tem que hastear uma bandeira democrática geral para agrupar em torno de si todas as camadas e todos os elementos capazes de lutar pela liberdade política ou de apoiar, pelo menos, essa luta por qualquer meio".*

A citação é de Lênin e o enxerto entre parêntesis, de Machado, que comenta em seguida:

*"Os nossos teóricos poderiam objetar que essa tática não se aplica às condições específicas do Brasil, embora sejam mestres em traçar paralelos e fazer analogias históricas".*

Certo, companheiro Machado. Objetamos. Em primeiro lugar, a coisa não é tão simples a ponto de que o absolutismo na Rússia *"traduza-se no Brasil por ditadura"*. Analogias desse gênero só se conseguem justamente quando se ignora, consciente ou inconscientemente, o conteúdo de classe de uma determinada ditadura. O absolutismo era a ditadura das formas remanescentes do feudalismo semi-asiático, que negava ao povo russo progresso e reformas tão primárias como, por exemplo, uma Constituição, que limitasse, mesmo formalmente, o seu poder, derivado dos direitos dos antepassados e da benção divina. A burguesia não tinha chegado ainda ao poder, nem dele participava. Quando Lênin escreveu essas linhas – e outras citadas por Machado – A Rússia ainda não tinha feito nenhuma tentativa de revolução burguesa e o programa, ao qual Lênin se refere na citação, era um programa de ação da classe operária na revolução burguesa.

Podemos afirmar que a situação é tão *"análoga"* ou *"paralela"*? Qual é o caráter da nossa revolução, companheiro Machado? É burguesa? É socialista? Talvez não seja por acaso que todos os documentos vindos do grupo de Machado sejam omissos a esse respeito, evitam entrar na questão. Pois todos os documentos da Organização, desde a fundação até hoje, parte da premissa de que no Brasil não há mais margem para revolução burguesa – ou democrática –, que a burguesia está no poder e que o processo revolucionário no país só pode ser socialista. Que a democracia burguesa, até a abrilada, era uma ditadura velada da burguesia, aliada ao latifúndio e ao imperialismo, e que o atual regime representa uma ditadura aberta da mesma burguesia, ligada aos mesmos aliados.

Na primeira circular que o grupo reunido na Guanabara, em torno do boletim mimeografado *"Política Operária"*, mandou para grupos nos Estados, convidando para a fundação de uma Organização nacional, a 24 de julho de 1960, já se lê:

*"Hoje, o socialismo não é mais mera teoria, credo ou esperança de pequenas minorias, que tem de cavar penosamente o seu caminho... O exemplo de Cuba indica os rumos da revolução latino-americana... Na medida que a revolução passe dos países agrários da América Central, para os países em industrialização do Sul do Continente, que já dispõe de uma classe operária, ela tomará de antemão um caráter mais proletário, mas socialista".*

E no Segundo Congresso, realizado em janeiro de 1963, consta claramente das resoluções *"As tarefas da Política Operária"* o seguinte:

*"Postulando abertamente a luta pela revolução socialista e propondo-se, como objetivo básico, a formação de um partido revolucionário capaz de efetivá-la, a POLOP rasgou novas perspectivas para as forças da esquerda e constituiu-se em nota dissonante no conjunto da política pequeno-burguesa a que se vira arrastada a classe operária".*

Esta orientação da Organização, que foi a razão de ser da sua fundação e que foi reafirmada em cada um de seus congressos, sabemos que no fundo não foi acompanhada por todos os companheiros. A latente oposição minoritária não tinha coragem de se opor abertamente e preferiu deixar a problema para os "teóricos", exaltando o trabalho "prático" e de "massa". Bem sabemos em que deu a agitação sem bases criadas. Mas hoje, quando o papel da Organização está para sofrer mudanças qualitativas, quando se tem de traduzir em militâncias operárias essas posições "teóricas", as omissões se tornam um empecilho e por isso esperamos também uma definição do companheiro Machado.

Mas isso não esgota o assunto. Mesmo sob o ângulo da revolução burguesa, Machado falseia a estratégia leninista. Pois se fosse sincero o intuito de aproveitar experiências de luta de classe do passado, Machado não poderia esconder ao leitor que Lênin, na revolução burguesa, quando se empenhava pela bandeira democrática geral, não deixava essa bandeira nas mãos da pequena-burguesia. Que defendia a fórmula da "*Ditadura Democrática Revolucionária dos Operários e Camponeses*", como governo de transição para a revolução burguesa. Que, embora considerasse a Rússia um dos países mais pequeno-burgueses da Europa, não se preocupava em incluir essa classe como totalidade num governo revolucionário e, muito menos, em "aproveitar" a burguesia média – como fez Machado:

*"... não fazem nenhuma diferença entre os grandes capitalistas nacionais e os estrangeiros, apresentando uma análise estereotipada. Simplesmente desconhecem a existência de uma média burguesia que, se não poderá ser conquistada para a luta, poderá ser "aproveitada" politicamente de forma muito mais inteligente: trata-se de neutralizá-la. Omitindo-se sobre sua existência, a direção de fato a arrola no rol da grande burguesia, pretendendo que o proletariado invista também contra ela".* (pág. 14 – grifo de E.M.).

### **Governo de Transição e pequena-burguesia**

É esta também a mesma linha de argumentação sobre o governo de transição. Machado é a favor de um governo de transição. É contra um Governo Revolucionário dos Trabalhadores da Cidade e do Campo:

*"O grande erro da direção está, em não compreender de fato que um governo de transição é um governo de transição, isto é, um governo instável onde existe um equilíbrio precário entre o poder revolucionário e o potencial revolucionário. É a passagem possível de um determinado quadro político para outro... Ele modifica a correlação de forças políticas de tal forma que o proletariado como classe hegemônica transforme a revolução que o instalou em Revolução Socialista. Assim é que, ao se destruir o poder das classes dominantes, aguçam-se as contradições entre as diversas forças que participaram da revolução que implantou o governo de transição. É neste sentido que a pequena-burguesia e as classes médias em geral que deverão participar da luta pela implantação do governo de transição – não compreendendo o governo de transição como de transição – ao tentar impedir que esse governo se transforme em governo socialista, através da revolução socialista, entrarão em choque com o proletariado.*

*Nada disso compreende a direção, que pretende desde já resolver as contradições entre o proletariado e a pequena-burguesia. Não percebe que esta contradição deverá ser resolvida na fase socialista da revolução".* (pág. 12).

Tudo indica que Machado especula com a suposição de que os companheiros não lêem os documentos da Organização. Em nenhum momento achamos que as contradições entre proletariado e pequena-burguesia já tenham sido "resolvidas". Mas também não entendemos o que o autor quer dizer quando afirma "*que esta contradição deverá ser resolvida na fase socialista da revolução*". E até que se dê essa "fase socialista", existe essa contradição ou não existe? Se existe, como enfrentá-la? Ignorá-la? Adiá-la? Isto só seria possível se o proletariado adiasse as suas reivindicações específicas de classe até a "fase socialista" da revolução, até depois da instalação do governo de transição, pois este ainda deve se dar sob o signo da "forma global" das liberdades democráticas gerais.



Machado voltou até o "*Manifesto Comunista*" no seu esforço para nos apresentar a pequena-burguesia como aliada revolucionária do proletariado, etc. Cita Marx do seguinte modo:

*"As classes médias... tornam-se revolucionárias quando tem diante de si a perspectiva de sua passagem iminente ao proletariado".* (grifo de F.M.).

Lançando mão das suas pequenas desonestidades, dessa vez não se limitou a tirar uma frase de contexto, como ainda a alterou. Restabelecemos o texto original por extenso:

*"As classes médias – pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses – combatem a burguesia porque esta compromete a sua existência como classes médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando são revolucionárias é em conseqüência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem então os seus interesses atuais, mas seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para se colocar no do proletariado".* (Marx/Engels. Obras Esc. Ed. Vitória pág. 29 – grifos de E.M.).

Mas para voltar ao assunto:

1) Que o governo de transição "*é um governo de transição*" nós mostramos em exemplos reais latino-americanos ("*Aonde Vamos*"). O que o caracterizará não será a adesão da pequena-burguesia como classe "em si". Nem a bandeira democrática. Ao nosso ver a tônica de semelhante governo, nas condições vigentes no Continente, será muito mais a "bandeira antiimperialista". Mas a sua característica principal será o fato de apoiar-se nas forças sociais básicas da revolução: os operários da cidade e os camponeses proletarizados do campo. A pequena burguesia assalariada aderirá, sem dúvida e em escala crescente, a essa aliança de classe revolucionária, mas dividindo a sua classe. Aderirá como os assalariados, como trabalhadores, fundamentalmente.

2) As forças sociais que apoiariam semelhante governo de transição seriam basicamente as mesmas da revolução socialista. As mudanças que haverá no decorrer do aprofundamento dos antagonismos sociais, não alterariam mais a aliança de classes revolucionária, pois a revolução, na medida em que prossegue aumenta suas bases de sustentação entre as massas. Um governo de transição tem a sua razão de ser num momento em que essas massas estão dispostas a lutar contra as classes dominantes e o imperialismo, mas ainda não tiraram as últimas conseqüências, as de travar a luta com objetivos socialistas. Será o aguçamento de todas as contradições, internas e externas, existentes na sociedade brasileira, durante um governo de transição e a indispensável mobilização popular, que colocará a necessidade da ditadura do proletariado na ordem do dia e os trabalhadores sob a liderança de um partido revolucionário, capaz de liderar a luta por esse objetivo.

3) A cisão que se dará nesse processo no seio da pequena-burguesia, que já aderiu ao governo de transição (como pode se dar também no movimento camponês e operário) deve separar as massas pequeno-burguesas das suas lideranças tradicionais. É no decorrer deste processo acelerado que essa pequena-burguesia abandona "*então seus interesses atuais*", em troca dos "*seus interesses futuros*" e "*se coloca no ponto de vista do proletariado*". É então que esta pequena-burguesia assalariada poderá ser liderada diretamente pelo próprio proletário e não mais por intermédio de alianças com as lideranças pequeno-burguesas. E isso

supõe uma luta sem tréguas contra a ideologia - contra o ponto de vista da classe média.

4) Se nós colocamos o problema programático do Governo Revolucionário dos Trabalhadores da Cidade e do Campo, não é porque achamos inevitável a sua formação no decorrer do processo revolucionário. Tampouco só apoiaremos ou integraremos governo de transição que ostente oficialmente esse nome todo. Não é essa concepção que temos de desenrolar das lutas de classes. A revolução não se desenrola conforme programas pré-estabelecidos. Os programas devem analisar e prever as tendências sociais e políticas e delinear as possibilidades e meios de os revolucionários influírem nas lutas de classes e dirigi-las para objetivos historicamente fundamentados. Se definimos o governo de transição como Governo Revolucionário dos Trabalhadores, é porque assim se caracteriza o seu conteúdo de classe. Queira ou não, o problema de governos de transição se colocarão a nós na prática. Nós - e classe operária - temos de saber em que condições se justificam e se impõe participar de tal governo, em que condições e circunstâncias tal governo acelera o processo revolucionário e em quais condições não será mais do que um simples instrumento de "transição" para uma nova consolidação do domínio das classes dominantes e do imperialismo.

A imagem do governo de transição que Machado oferece para o futuro se assemelha, pois, a um governo burguês. O papel que ele atribui a pequena-burguesia na luta pelo governo de transição e no seio dele, permite a essa classe fazer valer seu ponto de vista (e seus interesses) no meio do movimento operário, em vez de "se colocar no do proletariado", isto é, exercer uma hegemonia política e ideológica. (Não é gratuitamente que Machado não acha nada demais a pequena-burguesia falar pelo povo inteiro, todas as classes falam pelo povo inteiro...). Mas a hegemonia da pequena-burguesia - uma classe média, incapaz de exercer o poder - significa que o poder cai nas mãos da grande burguesia. E o poder nas mãos da grande burguesia significa o domínio do imperialismo.

Tudo isso não passa de uma "*análise totalmente estereotipada*" para Machado. Sua preocupação se resume em:

*"Assim é que, se num determinado momento o decisivo é destruir o poder político da grande burguesia imperialista, e nisso coincidem os interesses objetivos do proletariado e da pequena-burguesia democrática, o que se há de fazer é, em substituição, propor um governo que satisfaça as aspirações dessas duas classes".*

Por enquanto, o que o companheiro Machado "propõe" é submetermos a linha política da Organização às aspirações da pequena-burguesia. Até aí não assistimos mais do que a uma apologia da tutela ideológica pequeno-burguesa sobre o movimento operário.

## **E os dois mundos?**

O mesmo método de argumentação é aplicado por Machado na apreciação da situação mundial, das relações internacionais. Implica com a afirmação do Projeto de Programa da existência de dois mundos, do capitalista e do socialista, quando o documento diz: "*...a internacionalização da luta a converte num choque entre dois mundos*". Replica Machado:

*"Parte da observação dos fenômenos desenvolvidos em escala internacional, chegando à conclusão de que a contradição fundamental da sociedade em*

*nossa época é aquela existente entre o mundo socialista e o mundo capitalista. Esta é uma conclusão baseada no senso comum, na análise superficial dos fatos. Realmente o curioso leitor dos jornais também chega a essa conclusão. Mas o marxista que se propõe a analisar a realidade em termos de luta de classe chegará a um resultado bem diferente, que tem implicações práticas importantíssimas". (pág. 10).*

E para demonstrar que o "senso comum" no caso está errado, cita autores marxistas: "*O Capital supõe o Trabalho. O Trabalho supõe o Capital...*". Nós teríamos suprimido a análise de classe. Marx não falou em nada de dois mundos; portanto, nós estávamos "*dizendo adeus ao marxismo*".

Este modo de preocupação "marxista" lembra muito o precedente histórico dos dissidentes muçulmanos, os chiitas, que proclamavam "*o que não está escrito no Corão, é obra do Diabo*". Mas do mesmo modo como o pretenso ortodoxismo dos chiitas não serviu a outra coisa do que a interesses muitos materiais de sucessão, a argumentação teórica de Machado não visa senão encobrir "*implicações práticas importantíssimas*". Mas não o consegue muito bem. Vejamos como prossegue adiante:

*"De qualquer forma, seria de esperar que os companheiros convencidos de que a contradição fundamental de nossa época é aquela entre dois mundos, traçassem sua tática política (se eles raciocinassem politicamente) em termos de se concentrar forças no principal sustentáculo social do mundo imperialista. Isto é, no grande inimigo, na grande burguesia imperialista. Ao contrário, o que fazem é propor uma dispersão de forças contra o "capital", esquecendo-se de que entre os "capitalistas" existem inimigos, que podem ser neutralizados temporariamente (tais como os setores liberais da média burguesia) e outros que podem até ser ganhos para a luta contra a ditadura (tais como a pequena-burguesia democrática, no caso do Brasil)".*

O leitor talvez fique surpreendido com a coincidência de encontrar aí, no cenário internacional, os mesmos velhos conhecidos, a pequena-burguesia democrática, os setores liberais da média burguesia, etc. Mas toda a argumentação de Machado não visou senão transplantar para as relações internacionais as suas concepções de política nacional. Do mesmo modo pelo qual a pequena-burguesia se crê acima do conflito capital-trabalho, pois se trata de "*uma classe intermediária, na qual os interesses de duas classes perdem simultaneamente a agudez*" (Marx), ela é incapaz de compreender o choque entre o mundo capitalista e o socialista, de dois sistemas sociais, julgando-se acima do fenômeno e não se considerando atingida pelas suas conseqüências.

O Projeto-Programa, ao contrário, vê no choque capital-trabalho e entre os mundos capitalista e socialista dois aspectos da mesma contradição fundamental. Desde que os países de revolução vitoriosa aboliram o capital, como categoria social antagônica ao trabalho, e tornaram o proletariado classe dominante, o mundo capitalista os enfrenta como potências socialistas na política internacional. Essas potências, que compõem o mundo socialista, são aliados naturais das classes exploradas, especialmente do proletariado da velha sociedade capitalista. A materialização dessa aliança é questão de consciência e de amadurecimento objetivo das condições sociais. Mas o processo da Revolução Mundial, desde 1917, mostra que existe latentemente e que se torna real em situações revolucionárias.

Além disso, o Projeto-Programa destaca as mudanças qualitativas que o mundo capitalista, e particularmente o imperialismo, sofreu nas últimas décadas em conseqüência da Segunda Guerra Mundial. Lênin ainda assinalava que a

característica principal das relações internacionais da sua época era a contradição inter-imperialista. O imperialismo de então, a existência de um balanço de poderes de potências e alianças de poderes imperialistas, tornava inevitável uma periódica redistribuição do mundo, novas guerras inter-imperialistas. Essa situação mudou principalmente por duas razões:

1) O desfecho da Segunda Guerra Mundial enfraqueceu tanto o mundo capitalista que possibilitou o predomínio absoluto de uma potência imperialista (os EUA) sobre as demais. O potencial econômico e bélico dos Estados Unidos é hoje maior do que os demais países imperialistas reunidos. Este fenômeno mais:

2) a expansão do campo socialista até o centro da Europa e sobre o continente asiático, subtraindo um terço do globo da exploração imperialista, ameaça a existência do sistema capitalista, que historicamente entrou em defensiva.

Essa situação criada fez com que a contradição inter-imperialista passasse para um segundo lugar, em vista de uma contradição maior nas relações internacionais: a de um mundo capitalista na defensiva, que procura com todos os recursos à disposição, evitar o prosseguimento da expansão do mundo socialista nascente. A contradição inter-imperialista não desapareceu, mas perdeu a sua agudez – não há ameaça de guerra entre potências imperialistas – dando lugar a uma associação global, que na terminologia marxista ficou conhecida também como “cooperação antagônica”, na qual as demais potências imperialistas e capitalistas preenchem o papel de “sócio menor” dos Estados Unidos.

O choque entre os dois mundos com sistemas sociais diferente tornou-se o fio condutor das relações internacionais – a sua contradição fundamental. Esta já tem estado aguda, pode amolecer e chegar a pontos mortos, em virtude de um equilíbrio de poder e de armamento (esta é a única razão pela qual até agora não houve a Terceira Guerra Mundial), mas existe latentemente e continuará a existir, até que o antagonismo da existência dos dois sistemas sociais neste globo seja resolvido - até que exista de fato um só mundo.

Desse estado das relações internacionais, o proletariado de todos os países tem de ter consciência. Os países socialistas precisam da ajuda ativa das classes exploradas do mundo capitalista, para enfrentar o potencial do imperialismo. E toda nova revolução necessita da ajuda ativa do campo socialista, para enfrentar a reação internacional. A experiência demonstrou, além disso, que toda a vitória de um país socialista em guerra com uma potência capitalista leva a revolução ao país vencido. Essa comunidade de interesses – uma das formas da solidariedade internacional – existe como fato histórico, independente da atual política seguida por governos de países socialista e liderança de movimentos operários em países capitalistas – e ela se imporá, superando os governos e lideranças, que se opõem à história.

Mas mesmo agora, neste momento, assistimos um teste vivo do estado das relações internacionais. No Vietnã se concentra hoje toda a contradição existente neste globo. A divisão interna do país, a divisão em classes, encontra o seu prolongamento natural na ajuda externa, que os dois mundos fornecem na guerra civil. Os Estados Unidos não investem no Vietnam mais de 20 bilhões de dólares para travar uma simples guerra “colonial”. Como “investimento” estes gastos não se justificariam. Gastam estes recursos, sim, para evitar uma nova expansão do mundo socialista.

A crítica a insuficiência da ajuda socialista aos revolucionários vietnamitas seria assunto para outro capítulo e transcende os problemas levantados por Machado. Este continua preocupado com a pequena-burguesia democrática nacional.

## Volta à burguesia nacional

Torna-se evidente que a preocupação com a pequena-burguesia só representa um aspecto de uma concepção política, que encontra a sua complementação nas tentativas de "neutralizar" a média burguesia e de "diferenciar" a grande burguesia nacional da estrangeira. Em todas as formulações que encontramos no extenso trabalho de Machado a colocação de "*questionar o poder político*" nunca ultrapassa o "*poder político*" da "*burguesia imperialista*". E a sua preocupação de "diferenciar" a burguesia imperialista da nacional não visa outro fim senão o de sustar a luta contra a sociedade burguesa, contra o "*capital*" e os "*capitalistas*" – duas categorias que ele põe entre aspas – em prol de reivindicações democráticas gerais, portando-se como se nós encontrássemos em plena revolução burguesa. É conseqüente com essa linha de conduta pequeno-burguesa quando defende a "*luta eminentemente política*" e "*predominantemente legal*", hostiliza não só as reivindicações específicas do proletariado, que possibilitam a formação política da classe, como igualmente modos de luta como a guerrilha ("*preconceitos foquistas*") que não cabem no esquema legalista e que tendem a "*arrolar no rol*" do inimigo comum as facções de classe dominante. A burguesia média e as burguesias nacionais tomam aqui alternativamente o lugar, que a "burguesia nacionalista" tomou nos esquemas da esquerda tradicional entre nós.

A melodia é conhecida. Foi justamente em oposição a esse aburguesamento da esquerda brasileira que nós surgimos como Organização independente, elaborando as nossas posições, iniciando a luta ideológica. Machado não acompanhou o desenvolvimento da Organização e esqueceu o pouco que aprendeu no seu meio. Basta comparar as suas tentativas de defender posições do passado com a evolução que se deu dentro da esquerda sob o impacto dos ensinamentos do golpe militar e dos debates teóricos. Citamos, por exemplo, o documento da Dissidência dentro do PCB do Rio Grande do Sul, "*Teses Revolucionárias*" que trata de assuntos abordados por nós:

*"A contradição fundamental permanente da sociedade brasileira capitalista – dizem as Teses Revolucionárias – é a que põe em choque o proletariado e a burguesia. Uma vez que o movimento principal da revolução exige a solução radical nesta etapa, da contradição entre o trabalho produtivo explorado e a apropriação monopolista dos bens de produção; uma vez que a libertação do jugo imperialista marche lado a lado com a destruição das bases do regime capitalista; os conflitos entre o proletariado e a burguesia revelam a essência da contradição principal da sociedade. Igualmente exercem influência determinante sobre o desenvolvimento das demais contradições, na medida em que impelem para um dos lados antagônicos as classes intermediárias, através da integração destes em aspectos parciais ou na totalidade de uma visão histórica da organização do conjunto da sociedade.*

*A contradição principal da sociedade brasileira é a que decorre do desenvolvimento capitalista, concentrando seus frutos nas mãos das parcelas progressivamente menores da população, proprietários de bens de produção. Opõe a burguesia brasileira e seus capitais integrados no imperialismo ao trabalho dos operários urbanos, dos assalariados rurais, dos lavradores sem terra, ou com pouca terra, das camadas inferiores da pequena-burguesia em vias de proletarização, dos sub-empregados da cidade e do campo.*

*Pela própria posição que ocupa no processo de produção, a pequena-burguesia, - particularmente ao longo da fase de monopolização do capitalismo – não reage ao desenvolvimento da sociedade como um todo, mas fraciona-se.*

*Uma camada economicamente superior, dependente do imperialismo, tende a aderir ao comportamento político reacionário da grande burguesia. Surgem facções reformistas, liberais, democrático-burguesas e pode mesmo ganhar conformação política, em sociedade em que o aparelho estatal engaje contingentes populacionais ponderáveis, a esperança inviável da organização social de acordo com interesses próprios de classe, como é típico do fascismo. No contexto da crise capitalista, contudo, a camada inferior da pequena-burguesia, percebendo salários mais baixos e desvalorizados, aproximando-se da proletarização, pode adotar em níveis diversos de totalidade e consciência, a orientação política da classe operária. (Teses Revolucionárias. Porto Alegre. Grifos dos autores).*

Poderíamos, do mesmo modo, ter reproduzido aqui as teses da oposição interna do PCB na Guanabara, difundidas por "Arma da Crítica", para mostrar que o amadurecimento de uma esquerda revolucionária no país desenvolve posições análogas às defendidas pela ORM e cria as premissas para a unificação das vanguardas. A diferença entre nós e eles, ainda é que, enquanto eles representam uma minoria revolucionária dentro do PC tradicional, nós enfrentamos uma minoria direitista no nosso seio.

*"Os erros, as incompreensões, a incoerência e o simplismo das teses dos companheiros da direção nacional tem, a nosso ver, suas raízes numa falha de caráter metodológico".* Explica Machado. Mas qual é a "metodologia" usada por ele, desde que desencadeou a luta interna?

Começou com uma campanha de descontentamento genérica e indefinida. A investida começou contra os "teóricos", responsabilizados pelo fato de sermos ainda um pequeno grupo, "sem linha política" e "incapaz de dar ao proletariado uma alternativa ao reformismo". Como todo oportunista tradicionalmente faz, apelou para o praticismo, evitando definir os seus objetivos. Mas quando não conseguiu provar que os teóricos não estavam alheios aos problemas internos e externos da Organização e, pelo contrário, começavam a pressionar para que as resoluções políticas e as demais não ficassem no papel e que fossem postas em prática pelas seções, mudou de ênfase, começando a denunciar, de boca pequena, o "obreirismo" da direção nacional, que "só se preocupava" com a classe operária. Mas também esse recurso esgotou, principalmente na medida em que se aprofundou a discussão interna: os mais novos militantes tomaram conhecimento dos problemas revolucionários e a Organização começou a tomar consciência do fato de que o nosso futuro como vanguarda marxista-leninista estava na dependência direta da nossa penetração na classe operária. O aprofundamento dos debates internos e dos estudos conseqüentes fizeram com que Machado e o seu "trio" comessem a perceber que as simples improvisações e os "chutes" não resolviam a situação e, pelo contrário, os isolavam dentro da Organização. Mudaram então de "metodologia", começaram a se "dedicar à teoria" procurando em Marx e Lênin apoio para suas posições. As presentes acusações de economismo são o primeiro grande fruto desses "estudos". Mas descobriram igualmente nessas leituras que não podiam mais lançar, com a mesma despreocupação, os seus argumentos direitistas mais ingênuos possíveis, defendidos anteriormente, pois freqüentemente estavam expondo abertamente argumentos básicos de adversários de Marx e Lênin. É esse o sentido de sua autocrítica apresentada logo no início, em palavras modestas: - *"Foram feitas diversas reformulações, frutos de um aprendizado da história e da vida"*. - E aí, o velho Lênin tem de servir novamente como testemunho, para dizer que não era falta de inteligência a causa dos erros cometidos.

Não, companheiro Machado. Essa preocupação foi gratuita. Ninguém questionou a inteligência dos companheiros. Pelo menos, não da nossa parte. Mas Lênin se referiu a erros de revolucionários e o que questionamos são as suas posições políticas em princípio, que são posições reformistas. As suas "reformulações" só tocam na forma de apresentação dos argumentos, mas não mudam o conteúdo. Sinal é que sua pretensa "autocrítica" evita cuidadosamente tratar de qualquer dos "erros" cometidos, passando por cima deles, para encerrar o assunto com uma auto-absolvição, que não pode ser levada a sério.

A pouca seriedade das preocupações "marxista-leninistas" de Machado e do seu grupo se evidenciam justamente no citado "*A Tendência e o Caminho da revolução*". Trata-se do "Projeto-Programa, número 4", que consiste de duas partes distintas. Na primeira, é tentada uma análise teórica. O papel das classes, do proletariado, da classe média, do caráter da ideologia nacionalista, são descritos em termos, como tinham sido defendidos basicamente nos documentos oficiais da Organização. Essa foi a concessão tática, que o "trio" achou útil fazer. Mas na segunda parte, onde cabem as conclusões e soluções, sem mais explicações o nacionalismo, condenado na primeira, é ressuscitado sob a forma do "Governo Nacional Democrático", como forma de governo de transição.

Nenhuma interpelação verbal, durante os debates, conseguiu que os autores explicassem essa flagrante contradição no seu documento. Evitaram entrar no assunto. Mas para compreender a escolha da palavra de ordem, é preciso não perder de vista que Machado e seu grupo estão travando uma luta de facção dentro da Organização. Não só procuram impor na Secção uma disciplina própria e oposta ao resto da Organização (exigindo dos militantes locais que sigam a "orientação de Minas"), como tentam constantemente apresentar a Secretaria Regional de Minas como alternativa ao Comitê Nacional – até que ponto isso corresponde à verdade cabe à referida Secretaria esclarecer – como procuram evidentemente "ampliar" a facção fora dos limites do Estado. O aliado que encontraram, até agora, é uma minoria na Guanabara: os autores do Projeto-Programa Nº 2, que propagam o "Governo Popular Nacional", como sendo de transição. É verdade que os autores desse projeto assumem posições mais direitistas ainda do que o "Trio". Enquanto Machado prevê um governo de transição que "neutralize" a burguesia média, o Projeto Nº 2 quer a burguesia média como aliada na revolução antiimperialista. Mas, como toda "teoria", no fundo, é vista por Machado como campo de manobra na luta interna, essa e outras divergências não pesarão e já se pode prever a formação da frente única das direitas em torno de um "governo popular nacional democrático" qualquer.

Isso explica também o "vale-tudo" ideológico, que caracteriza as polêmicas de Machado. Explica porque numa página a Direção é acusada de "economismo" e na outra de dizer aos operários: tomemos o poder. Explica porque numa página a classe operária está "acéfala" e na outra "*o proletariado brasileiro já percorrerá todos os estágios da luta meramente econômica*". Explica porque num documento a solução infalível para os problemas do país é o "Governo Constitucional Popular", saindo de uma Constituinte Popular Soberana, e no próximo é defendido com a mesma cara de pau o "governo nacional democrático", saído da Revolução Democrática Nacional.

Poder-se-ia achar divertido esse dom de argumentar, mas como Organização já estamos grandinhos demais para esse gênero de divertimentos.

E, finalmente, queremos perguntar porque Machado, logo na introdução do seu documento, coloca sempre um "sic" depois de "vanguarda". Pode ser que essa e outras colocações do autor não sejam de tanta importância, mas não deixam de ser

um sintoma de um conformismo bastante cômodo. É muito simples dizer "a *vanguarda não existe*" e pode até parecer modéstia, mas certamente não é. Embora não estejamos satisfeitos com papel que a Política Operária desempenha em face das necessidades das lutas de classes no país e, embora não partamos da premissa de que já estejamos em condições para dirigir a Revolução Socialista no Brasil, o descontentamento com a nossa insuficiência não nos fará ainda aceitar uma alternativa reformista. Consideramos a Organização com uma vanguarda revolucionária. Consideramos que desempenhou esse papel principalmente na luta ideológica e sua existência e atuação se fizeram sentir em toda a transformação que a esquerda do país está passando. E achamos que esse papel não se esgotou, que temos muita coisa a fazer ainda, como vanguarda ideológica, nessa luta que precede o surgimento de uma vanguarda que dirija de fato a classe operária. Muita coisa mudou neste país, desde que a Política Operária surgiu como primeira Organização nacional que desafiou o monopólio do reformismo. Muitos dos nossos companheiros não se lembram mais do abismo que nos separou naquela época do movimento operário e da esquerda oficial. Nem das campanhas pró-Lott e Pró-Tancredo das quais ainda participavam. Os novos já encontraram barreiras vencidas por um trabalho persistente e tenaz. Trabalho que foi realizado por uma vanguarda pequena, mas – apesar dos Machados – a melhor existente no país. Se não fosse não estaríamos no seu meio.

Já que temos esses resíduos pequeno-burgueses na Organização, temos de levar a discussão interna até um fim conseqüente. E isso significa que todo militante se dê conta dos problemas que nos amarram e que se defina diante deles. Só podemos esperar que os debates esclareçam e superem esse gênero de colocações para sempre. Que no futuro as divergências sejam mais proveitosas, e debatidas em nível mais alto.

*Maio de 1967.*

∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞∞